

**SEBASTIÃO ALVES**

---

**A BÚSSOLA E O LABIRINTO**

CULTURA EDITORA

# APRESENTAÇÃO

O universo é um LABIRINTO.

Monótono.

Só o colorido das ruas, todas geometricamente iguais, impedia os habitantes de se perderem.

Ai de quem não distinguisse as divinas CORES.

Assim eram os CROMOPATAS.

Esta é a sua história, de como se guindaram de indesejados e desgraçados a uma situação de privilegiados e malditos.

E de como foram extintos.

Ou não...

# I

*Era no tempo em que as pessoas se perdiam. Perdiam-se e não era de amores nem de riso que se perdiam. Não. Perdiam-se e nem sequer era dentro de si próprias, no labirinto das suas mentes, como ainda hoje acontece com os loucos esquizofrénicos. Naquele tempo perdiam-se cá fora, na malha dos seus passos, confundindo as esquinas e as ruas do seu trajeto. Perdiam-se mesmo, no sentido original do verbo perder-se, que entretanto se extraviou...*

*“Não te percas” era como os nossos avós se despediam das pessoas e julgavam saber do que estavam a falar. “Não te percas”, despedimo-nos nós ainda hoje, mas não passa já de uma maneira de dizer, uma interjeição. Mimados de civilização, damo-nos ao luxo de não apreciar a extraordinária liberdade de que gozamos. Deslocamo-nos pelo Labirinto, desatentos aos nossos passos como à nossa própria respiração. Lançamos um olhar ao LSF<sup>1</sup> de pulso e distraidamente conferimos a quantas esquinas estamos do destino e do ponto de partida, e a direção que devemos tomar em cada bifurcação.*

*Avaria-se o LSF e nem por isso entramos em pânico. Basta lembrarmo-nos das coordenadas do nosso destino e lá chegaremos orientados pelos códigos afixados nas placas, esquina após esquina. Se não, seguimos as setas que indicam a direção do largo mais próximo e lá encontraremos telefone público e mapas coloridos, uma esquadra de polícia com roteiros completíssimos e, o que é mais cómodo, quiosques com LSF de aluguer.*

---

<sup>1</sup> Para o caso de o leitor se ter esquecido do significado das iniciais da sigla L.S.F., apesar de usá-la todos os dias, significam “Localizador Sem Fios”.

*Nada disto havia, naquele tempo. O nome das ruas ainda não fora inventado e estas eram ainda geometricamente idênticas. Não era como é hoje que ousamos alterar as portas, encimando-as com ogivas e arcos abatidos, ou esculpindo-lhes arabescos; eliminamos degraus e colocamos rampas para deficientes; boleamos esquinas; ampliamos janelas para instalarmos as montras das lojas; chegamos mesmo a abolir parcialmente paredes para criar espaços mais amplos, evitando apenas tocar nas paredes-mestras e nos pilares ocios que sustentam o céu.*

*Naquele tempo não havia ferramenta, e muito menos atrevimento, para riscar sequer as paredes onde viviam os demónios bons e os demónios maus. Geometricamente, o Labirinto era absoluta monotonia e não é fácil conceber como teria a Humanidade prosperado, ou sequer sobrevivido, se não fossem as Cores.*

*Porque eram as Cores que permitiam distinguir cada rua de cada rua seguinte. Eram Elas que permitiam distinguir cada largo dos largos vizinhos. Sem Elas, não só uma pessoa poderia perder-se sem o saber, como poderia pensar-se perdida sem o estar. Eram as Cores, tanto como os rostos dos entes queridos, que asseguravam ao viajante de longo curso, quando regressava, que estava na sua rua, defronte da sua casa.*

*Não admira pois que a primeiríssima regra do famoso Código do Bom Labirinto ordenasse:*

***“Memoriza as cores da tua fachada. Memoriza as cores da tua rua e das ruas à volta do hexágono de que habitas um sexto<sup>2</sup>[...] Memoriza as cores do teu largo e as cores do caminho entre o teu largo e a tua rua. Memoriza as cores dos largos mais próximos e aprende de cor, a cor do caminho entre cada um deles e o teu largo [...]***

*Estas palavras têm mais de cinco mil anos<sup>3</sup>, mas cristalizam uma sabedoria muito anterior, um instinto que terá nascido com a própria Humanidade, e que era o que permitia aos homens sobreviver na monotonia geométrica e letal dos labirintos.*

---

<sup>2</sup> Um sexto [de um hexágono] designava aquilo que hoje em dia os arquitetos designam por setor, os profissionais das agências imobiliárias por apartamento T2, e a que maioria das pessoas chama: a minha casa.

<sup>3</sup> Datam de 3800 a.R.C., as primeiras versões fragmentárias do Código do Bom Labirinto, que mudaria de nome para Código das Sagradas Cores no ano zero da nossa Era, ano da fundação da Santa República das Cores. Seria substituído já neste século, mais precisamente em 326 d.R.C., aquando da separação do Estado e da Igreja das Cores, pelos vários códigos legais e religiosos que hoje vigoram: o Código Civil, o Código Comercial, o Código Penal, etc, etc.

*Não admira que adorassem as Cores. Não admira que temessem os génios e demónios coloridos que habitavam cada parede, cada degrau, cada peitoril, cada lintel. Não admira que os alimentassem com orações e sacrifícios e abluções rituais. Não admira que houvesse penas severas para quem profanasse as Cores. Tudo não era demais para manter contentes os demónios do lar e da rua, para que protegessem e orientassem os seus habitantes, impedindo que se perdessem.*

*Foi neste mundo perigoso, de colorido sagrado e fundamental, em que as Cores eram tão importantes como a água ou como o pão, como o ar ou como o vinho, que viveram e espantosamente foram sobrevivendo, geração após geração, essas infelizes criaturas de alma mutilada, esses aleijados da alma que para muitos nem sequer o nome de homens mereciam: os cromopatas.*

Assim principia o livrinho que mudou a minha vida. Sem ele, talvez eu tivesse seguido uma carreira académica normal e não tivesse inconscientemente deslizado, esquina após esquina, decisão após decisão, na direção de um abismo insuspeitado.

O livro intitula-se *Ascensão e queda dos cromopatas* e foi-me oferecido por um velho professor de História a quem recorri em desespero de causa. Precisava de um orientador de doutoramento e os professores que até então sondara — os meus preferidos — todos se tinham escusado.